

O CONCEITO DE IDENTIFICAÇÃO NO PENSAMENTO DE ADORNO: ENTRE O AJUSTAMENTO SOCIAL E A RESISTÊNCIA EM DIREÇÃO A UMA EXISTÊNCIA MAIS HUMANA

Rita de Cassia Thomaz*

RESUMO: O artigo traz uma discussão acerca da utilização do conceito de identificação por Adorno. A partir disso, procuramos dar ênfase ao tema da crítica e da negação da cultura possibilitadas pela apropriação da psicanálise realizada pelo autor. A aplicação do conceito permite analisar o processo de assimilação do indivíduo no capitalismo tardio, uma vez que a cultura é transformada em mercadoria e, assim, absorve o ritmo idêntico e repetitivo da produção mecanizada, que se transmite aos indivíduos através dos produtos que consomem e das celebridades com as quais se identificam. Nesse contexto, cresce o sentimento de impotência individual gerado por um modelo de organização social que dissimula suas contradições a partir da identidade do indivíduo com a cultura. E revela-se a união entre progresso e barbárie que promove o declínio do indivíduo como foi exposto na *Dialética do Esclarecimento*. Como sugere Adorno, diante da irracionalidade da cultura moderna, cabe à educação a tarefa de autorreflexão crítica e de esclarecimento dos indivíduos, de maneira a convidá-los a pensar na falsa realidade em que estão inseridos e de contrapor impotência com autonomia.

PALAVRAS-CHAVE: Identificação. Psicanálise. Adaptação social. Independência. Resistência.

THE CONCEPT OF IDENTIFICATION IN ADORNO'S THOUGHT: BETWEEN SOCIAL ADJUSTMENT AND RESISTANCE TOWARDS A MORE HUMAN EXISTENCE

ABSTRACT: This article discusses Adorno's use of the concept of identification. Therefrom, we seek to emphasize the theme of criticism and the negation of culture made possible by the author's appropriation of psychoanalysis. The application of the concept allows us to analyze the assimilation process of the individual in late capitalism, since culture is transformed into merchandise, and thus absorbs the identical and repetitive rhythm of mechanized production, which is transmitted to individuals through the products they consume and the celebrities with whom they identify. In this context, the feeling of individual impotence grows, generated by a model of social organization that conceals its contradictions from the individual's identity with culture. And it reveals the union between progress and barbarism that promotes the decline of the individual as was exposed in the *Dialectic of Enlightenment*. As Adorno suggests, faced with the irrationality of modern culture, education is responsible for the task of critical self-reflection and the enlightenment of individuals, in order to invite them to think about the false reality in which they are inserted and to contrast powerlessness with autonomy.

KEYWORDS: Identification. Psychoanalysis. Social adaptation. Independence. Resistance.

* Doutoranda em Educação na Universidade Estadual Paulista (PPGE/FFC/UNESP). Mestre em História pela mesma universidade (FCLAs/UNESP). Professora efetiva de História na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. E-mail: rita.thomaz@unesp.br e Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-7352-7451>

Introdução

A psicanálise se insere dentro do pensamento de Adorno como uma ciência que realiza a crítica e a negação da cultura. O que implica em considerar o seu potencial teórico para a resistência e para a transformação social. Com ênfase nesse aspecto da apropriação da teoria psicanalítica por Adorno, a proposta de nosso artigo é refletir sobre o duplo sentido do conceito de identificação. Visto que para Freud esse mecanismo estava associado tanto à adaptação social quanto ao processo de independência do indivíduo.

Na *Dialética do Esclarecimento* (1947/1989) de Adorno e Horkheimer a utilização do conceito de identificação aponta para a expropriação da psicologia individual na cultura de massa e para o declínio do indivíduo. Ao contrário do que prometia o Século das Luzes, a emancipação humana por meio do conhecimento, o que os autores analisam é a contraditória união entre progresso e barbárie. Freud desenvolveu esse conceito dentro do contexto em que a economia capitalista impelia o indivíduo burguês à competitividade (ROUANET, 1989). Adorno e Horkheimer, por sua vez, aplicam o conceito enquanto estavam exilados nos Estados Unidos e inseridos no ambiente da cultura de massa. No primeiro caso era possível observar a dinâmica entre as instâncias psíquicas. Já que o ego ainda ocupava o posto de mediador entre as exigências internas das outras duas instâncias e as determinações sociais. Mais tarde, no entanto, os outros dois autores observaram que o vínculo entre produção e consumo teve como resultado a deposição do ego (ROUANET, 1989). Dessa maneira, a decisão não cabe mais ao ego, mas a outros agentes externos.

Nesse sentido, nos dedicamos a pensar nas condições sociais que dão origem ao indivíduo desfigurado (ADORNO, HORKHEIMER, 1947/1985). E na possibilidade de romper esse ciclo que produz a violência social, o medo mediado (ADORNO, 2015) e o sentimento de impotência. Buscamos compreender como a crítica social de Adorno pode contribuir para a conscientização e o enfrentamento da barbárie na civilização, diante dos prejuízos para a formação do indivíduo, trazidos pelas novas formas de socialização no capitalismo tardio. Adorno traz importantes reflexões sobre o compromisso da educação com uma formação mais humana. Baseada na autorreflexão crítica, no esclarecimento dos indivíduos e na resistência.

A produção do indivíduo no capitalismo: cultura e formação corrompidas

A passagem do período medieval para a modernidade é caracterizada pela consolidação e pelo fortalecimento da burguesia. A ascensão econômica dessa classe é um símbolo do antagonismo entre a mentalidade medieval e a moderna, essa última é marcada pela livre iniciativa e pela autonomia individual. É essencial observar esse fenômeno quando pensamos na questão da formação e autonomia do indivíduo

no sistema capitalista, a fim de compreender que tipo de indivíduos são moldados na sociedade de troca. A princípio, quando a individualidade é associada ao sujeito burguês, temos um problema relacionado à perspectiva do materialismo histórico e outro referente à própria evolução do capitalismo e à dinâmica da reprodução do capital. Observar a questão da individualidade a partir da ótica marxista implica em reconhecer que a autonomia individual se reduz aos detentores do poder econômico. Portanto, para que a autonomia pudesse realmente passar de um privilégio social para uma realidade, o proletariado deveria realizar a revolução. Pois enquanto a sua sobrevivência estivesse condicionada à dominação dos donos dos meios de produção, sua independência seria apenas uma utopia. No entanto, o que as correntes marxistas presenciaram no início do século XX foi a revolução ocorrer no leste europeu, mesmo com uma incipiente classe operária. Enquanto a Europa Central, que contava com um proletariado desenvolvido, foi o cenário para a ascensão de regimes totalitários.

Como observa Rouanet (1989), a guinada do proletariado para a direita na Alemanha e o processo revolucionário na Rússia, apesar de ser um país predominantemente agrário, são os dois eventos que direcionam a atenção dos marxistas para os fatores subjetivos do processo histórico. Se num primeiro momento o autor sublinha que o interesse de dois grupos de marxistas, os freudo-marxistas nas décadas de 1920 e 1930 e os frankfurtianos no período da Segunda Guerra e no pós-guerra, em aproximar as teorias de Marx e Freud partia de um mesmo questionamento. A instalação do grupo liderado por Horkheimer nos Estados Unidos, por ocasião do exílio, confere a essa aproximação teórica novos contornos. Tal mudança foi motivada pela abundância econômica trazida pelo conflito armado, situação que fora intensificada no pós-guerra. Portanto, se antes a pergunta feita pelos dois grupos e que pedia a explicação subjetiva era: “Como é possível que a classe operária pense e aja contra os seus próprios interesses” (ROUANET, 1989, p. 70)? Diante das novas formas de socialização do capitalismo a pergunta dos frankfurtianos passa a ser a seguinte: “Como é possível que a maioria da população, nos países industrializados do Leste e do Oeste, pense e aja num sentido favorável ao sistema que a oprime (ROUANET, 1989, p. 70)”.

Tal mudança sinaliza que a dominação se tornou invisível na medida em que a possibilidade de adquirir bens materiais se estendeu para a uma parcela maior da população. Somado a isso, a oposição entre as classes também se modifica, uma vez que ocorre uma concentração de poder nas grandes corporações. O que também confere certa invisibilidade aos mandatários do poder. Nesse contexto, a diminuição da privação material e da oposição direta entre as classes traz um impacto negativo no sentido de neutralizar a crítica social. Visto que as contradições da sociedade são encobertas mais facilmente. De acordo com Rouanet:

A diferença entre as duas perguntas reflete, em parte, a diferença entre dois momentos históricos. A primeira foi formulada numa época em que a assimilação da classe operária ao sistema capitalista ainda era incompleta, e em que o pensamento marxista ainda era, em geral, suficientemente ortodoxo para considerar o proletariado a força-motriz da

revolução. A segunda correspondia a uma fase em que essa assimilação já era vista como irreversível, e em que a esperança revolucionária fora transferida a outros agentes históricos (ROUANET, 1989, p. 70).

O problema é que se outrora apenas a consciência era falseada, as mudanças trazidas pelo capitalismo tardio permitem que a própria realidade seja falsificada, como afirma Rouanet (1989). Desse modo, “a falsa consciência do passado significava aceitar uma realidade repressiva que se apresentava como tal, a atual significa aceitar uma realidade que se apresenta como não repressiva” (ROUANET, 1989, p. 73). A utilização do conceito de identificação por Adorno e Horkheimer permite compreender como a assimilação do indivíduo é resultado de uma formação cultural que “confere a tudo um ar de semelhança” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 99), dissipando a consciência da contradição social.

Na psicanálise a identificação é conhecida como a "mais antiga manifestação de uma ligação afetiva com uma outra pessoa" (FREUD, 2021a, p. 178). Em sua origem, ela foi concebida por Freud como um mecanismo psicológico que está associado ao controle social e à diferenciação do indivíduo (ROUANET, 1898). Pela soma dos vestígios das várias identificações que ocorrem desde a infância, com a mãe, o pai, os avós, os professores, entre outros, é produzida a personalidade, que se desenvolve de acordo com as determinações sociais que permeiam as relações entre as pessoas. Contudo, como a essência da cultura de massa é a sobreposição do universal em relação ao particular, resta pouco espaço para o desenvolvimento de personalidades fortes. Pois, a sociedade é totalitária e a sobrevivência do indivíduo depende de sua integração ao sistema. Como sublinham Adorno e Horkheimer (1985, p. 110): “Quem não se conforma é punido com uma impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do individualista”. Sob pena de exclusão, os trabalhadores produzem aquilo que mais tarde serão impelidos a consumir. Nenhuma decisão lhes resta, nem tampouco qualquer esforço intelectual é exigido, não há espaço para a contradição social, quando estão absorvidos pela satisfação do consumo. A esse respeito, os autores acrescentam:

A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido. [...] A competência e a perícia são proscritas como arrogância de quem se acha melhor que os outros, quando a cultura distribui tão democraticamente seu privilégio a todos. Em face da trégua ideológica, o conformismo dos compradores, assim como o descaramento da produção que eles mantêm em marcha, adquire boa consciência. Ele se contenta com a reprodução do que é sempre o mesmo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 110).

A diferença não é um aspecto que se espera do indivíduo na sociedade contemporânea. Ao invés disso, o diferente é um sinal de ameaça à integração social. É nesse ponto que a interpretação de Adorno e Horkheimer sobre o conceito de identificação se distancia da de Freud. Como aponta Rouanet (1989), a segunda tópica freudiana tem correspondência com a fase concorrencial do capitalismo, momento em

que a família burguesa cumpria sua função na constituição de personalidades independentes, cujo modelo era o pai autoritário. Ao mesmo tempo que se desenvolvia um ego fortalecido a partir da identificação inicial com a figura paterna, também tinha origem o superego que era a instância que representava as determinações e exigências sociais. Nessa fase, como afirma Rouanet, a família burguesa contribuiu com a necessidade do mercado, ao produzir “personalidades suficientemente fortes para travar a batalha da competição e suficientemente submissas para aceitar a autoridade, quando inelutável – tal como a autoridade do mercado” (ROUANET, 1989, p. 124). Por sua vez, a fase do capitalismo de monopólios não requer personalidades desse tipo. É exatamente essa transformação que explica a diferença de interpretação entre os autores, visto que o mecanismo de identificação serve mais como instrumento de dominação e de assimilação do que realmente como garantia de independência. Como consequência, Adorno e Horkheimer o relacionam ao processo de expropriação da psicologia individual. Na medida em que a dinâmica entre as instâncias psíquicas é substituída pelo controle direto de agentes externos.

Essa diminuição do papel do ego coincide com a redução da cultura em mercadoria. Deter o poder sobre a produção cultural é um importante elemento para a dominação, cujo intuito principal é limitar o aspecto formativo dela. Enquanto produto ela deixa de se relacionar com a criação, com a interação social, com a tradição e com a expressão de sentimentos. Ela serve apenas ao propósito de reprodução do capital. O interesse pela cultura se deve ao fato de que ela representa o espaço de inventividade e de encontro com o outro. O triunfo do capitalismo é reduzi-la a um aspecto sempre igual, que não apenas repele a alteridade, mas que exclui a possibilidade de troca e reconhecimento entre as pessoas. O que é imutável no sistema econômico é transferido para a cultura. Como explicam Adorno e Horkheimer (1985, p. 111): “só a vitória universal do ritmo e da reprodução mecânica é a garantia de que nada mudará, de que nada surgirá que não se adapte”.

É possível observar o declínio da experiência em decorrência da preponderância da técnica como uma marca da cultura moderna. Podemos observar como essa problemática foi trabalhada pelos frankfurtianos: Adorno (2022a, p. 35) observa que alguns economistas e sociólogos “atribuíram o princípio do tradicionalismo às formas sociais feudais, e o racionalismo às formas burguesas”. O que, para o autor, seria equivalente a dizer que “a memória, o tempo e a lembrança são liquidados pela própria sociedade burguesa em desenvolvimento” (ADORNO, 2022a, p. 35). De fato, a produção industrial devido ao seu caráter repetitivo “praticamente não necessita mais de experiência acumulada” (ADORNO, 2022a, p. 35), em oposição ao trabalho artesanal, atividade que depende da experiência do ofício. Para Adorno, a racionalidade da sociedade burguesa trata de eliminar os resquícios da sociedade anterior, entre eles, a própria aprendizagem. Diante da eficiência e onipotência da técnica, transpostos para a máquina, o processo lento de transmitir conhecimento tornou-se algo dispensável.

Walter Benjamin explora esse tema no texto *Experiência e pobreza* (1933/1987). Ele analisa a maneira como a técnica se opõe à tradição na modernidade e como o seu poder torna a existência dos

seres humanos mais miserável. Além disso, relata que em gerações anteriores as experiências eram transmitidas de modo benevolente ou ameaçador, dos mais velhos aos mais jovens. E, a partir dessa referência, ele lança a seguinte questão: “Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas?” (BENJAMIN, 1987, p. 114). Seu relato e sua pergunta são reflexões sobre um mundo em que a relação do homem com as pessoas e com o tempo está se transformando. O autor afirma que a experiência está em declínio e o fato dos combatentes da Primeira Guerra voltarem silenciosos confirma isso. Diante de tanto assombro dessa época, não havia mais o que comunicar. Ele sublinha: “Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem” (BENJAMIN, 1987, p. 115). De certa maneira, os provérbios e as histórias contadas diante da lareira, as experiências transmitidas, perderam o seu lugar. A ciência, por meio da técnica, apoderou-se tanto da vida humana que nada resta ou é permitido aos homens vivenciar, que já não esteja pronto ou sob o domínio dela.

Na mesma direção, Adorno e Horkheimer realizam uma profunda discussão que tem como base o argumento exposto na *Dialética do Esclarecimento*. Ou seja, a ideia de que a razão instrumental tem por fundamento o domínio dos homens pelos homens. E que o esclarecimento falhou em sua promessa de emancipá-los, uma vez que no processo dialético das Luzes, o domínio do conhecimento técnico-científico serviu como um artifício de poder que se ergueu como substituto de outros poderes. Nesse sentido, a razão do século XVIII pretendia livrar o homem do poder da natureza e da religião para ser a sua nova senhora. Recordamos que o Iluminismo foi um movimento impulsionado pelos interesses burgueses. Num contexto de acentuada ascensão econômica dessa classe, que ansiava por mais participação política. O ideário iluminista que versava sobre igualdade e liberdade foi oportuno para a transferência do poder, das monarquias absolutistas para o mercado. Como vimos, a independência era um traço desejável para o indivíduo burguês. Entretanto, no processo de evolução do capitalismo, esse traço ficou restrito para um número cada vez menor de pessoas. Quanto mais o capital se concentra nas mãos de poucos indivíduos, menor a necessidade de pessoas independentes, capazes de representar uma ameaça para a ordem social. O impulso revolucionário foi necessário para derrubar o Antigo Regime, porém, enquanto a burguesia perseguia a igualdade, a população lutava pela sobrevivência. No capitalismo tardio, a técnica foi responsável por trazer melhores condições materiais para grande parte da população. Mas isso não significou independência, nem igualdade, somente mais opressão, embora, essa opressão seja menos perceptível por causa do conforto material e da invisibilidade do poder. O que não resultou numa vida melhor, visto que a pobreza não deve mais ser concebida apenas no nível material. O ser humano padece de um novo tipo de sofrimento, a própria humanidade foi reduzida em nome do progresso técnico.

Conforme a afirmação de Adorno e Horkheimer (1985, p. 100):

O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada em si mesma. Os automóveis, as bombas e o cinema mantêm o todo coeso e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra a sua força na própria injustiça à qual servia.

Subordinando a razão aos interesses econômicos de pequenos grupos, o progresso técnico afasta cada vez mais as garantias de autonomia para a maioria da população. Pelo contrário, a particularidade deve ser absorvida de modo a alcançar a “falsa identidade do universal e do particular” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100).

Medo, sofrimento e o indivíduo desfigurado - a crítica e a recusa da cultura moderna

Esse princípio do sacrifício em nome da autopreservação é a base da interação entre o indivíduo e a cultura na narrativa desenvolvida por Freud. Para ele, o sofrimento é uma condição cultural. Nos arranjos que foram feitos durante o processo civilizatório para que os homens pudessem viver juntos, em cooperação, de modo a extrair da natureza a sua sobrevivência e minimizar a desproporção entre as forças dela e as do ser humano; não houve a exclusão do sacrifício e do sofrimento. De acordo com Freud (2021b), o sofrimento começa a ameaçar o homem inicialmente pela sua constituição física, para depois ser exercido por forças exteriores. Contudo, ele enfatiza que das três fontes causadoras de sofrimento – o próprio corpo, a natureza e os outros homens, a terceira delas conduz à sensação mais dolorosa. Visto que os homens são inclinados a perceber um ingrediente supérfluo nela, o que não faz desse sofrimento oriundo das relações humanas menos inevitável do que os outros, em sua concepção.

Podemos refletir sobre esse pressuposto contido na psicanálise utilizando a sentença de Adorno (2015a) que diz que Freud tinha razão onde ele não tinha razão. Essa frase defende a psicanálise da acusação de ser uma ciência a-histórica e reconhece nela a crítica da cultura, ao contrário do que se poderia afirmar. Ou seja, mesmo que Freud não tivesse a intenção de se debruçar sobre as questões sociais e históricas, o estudo do indivíduo aponta para essa direção. Além disso, ao contrário da suposição de que a teoria freudiana confirmaria e até justificaria a opressão burguesa, da ferida do indivíduo se chega às mazelas da organização social. Portanto, no que diz respeito ao sofrimento na civilização, Freud não tem razão porque mesmo depois de reconhecer que a terceira fonte contém “um ingrediente de certa forma supérfluo”, ainda defende a sua inevitabilidade. Por outro lado, a razão está presente em seu pensamento porque ele aponta para a fonte que causa a sensação mais dolorosa e sublinha o motivo disso. De fato, ele argumenta que a relação entre os homens é marcada pela exploração. E, apesar de atribuir esse mal somente à pulsão agressiva, é possível derivar da influência dela o peso das determinações sociais.

Em suma, ainda que a ideia da inevitabilidade do sofrimento dê sinais de um certo conformismo, o autor evidencia em sua análise o caráter da dominação dos mais fortes em relação aos mais fracos. Freud observa que o homem não enxerga no seu próximo apenas um colaborador, mas também uma chance de satisfazer a sua agressão. Como explica - no outro o homem encontra a possibilidade de “explorar a sua força de trabalho sem uma compensação” (FREUD, 2021b, p. 363). Mesmo que o autor não avance no entendimento de que há variadas formas de organização social, a aproximação da psicanálise ao materialismo histórico reafirma que o princípio econômico é o fundamento dessa exploração.

Nessa perspectiva, a análise dos frankfurtianos registra que o aumento da concentração do capital na fase monopolista do capitalismo culmina com o acentuado declínio do indivíduo. A racionalidade econômica consiste em perseguir o menor meio, por isso continua a remodelar os homens assim como faz com as empresas (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). De tal modo, a existência se torna materialmente mais abundante e humanamente mais miserável diante do poder que a técnica detém sobre as pessoas. Por isso, o contexto da sociedade de massa é propício para a formação de personalidades com tendências autoritárias. Uma vez que as pessoas devem estar bem ajustadas à falsa realidade, o medo e a violência são componentes que se transformam na base da opressão social. As pessoas são dominadas pela constante ameaça de exclusão, que recai sobre a garantia de sua sobrevivência. Como resultado, temos a produção de personalidades com tendência à obediência e à submissão.

Percebemos como o pertencimento na sociedade capitalista está associado à capacidade de produção e de consumo das pessoas. A contradição é encoberta a partir dessa relação entre ambas atividades. Dessa forma, pode ser reforçada a simples conclusão de que aquele que não obteve conforto material é responsável por isso, porque só não pode consumir aquele que não se esforçou de maneira suficiente e que não colaborou com o conjunto da sociedade. Não há espaço para contradição nessa lógica, o que não se encaixa está corrompido e condenado à exclusão. Como sublinham Adorno e Horkheimer (1985, p. 166), nessa sociedade “tudo o que representa a diferença tem de tremer”.

À medida que o peso das contradições sociais diminui, dissimulado na falsa realidade não-repressiva, a impotência do indivíduo cresce. Como afirma Adorno:

De qualquer modo, a ideologia dominante hoje em dia define que, quanto mais as pessoas estiverem submetidas a contextos objetivos em relação aos quais são impotentes, ou acreditam ser impotentes, tanto mais elas tornarão subjetiva essa impotência. Conforme o ditado, de que tudo depende unicamente das pessoas, atribuem às pessoas tudo o que depende das condições objetivas, de tal modo que as condições existentes permanecem intocadas (ADORNO, 2022a, p. 38).

Com efeito, a personalidade autoritária é forjada a partir do medo da exclusão social, que causa impacto na formação do indivíduo. Um estado de constante ameaça termina por conduzir ao

enfraquecimento do ego, corroborando a sua impotência que conduz à submissão diante da autoridade. De acordo com Adorno (2022a), esse tipo de personalidade pode ser definida por traços como pensar conforme as dimensões de poder, seriam eles: “impotência, paralisia e incapacidade de reagir, comportamento convencional, conformismo, ausência de autorreflexão, enfim, ausência de aptidão à experiência” (ADORNO, 2022a, p. 40).

O componente supérfluo contido na terceira fonte de sofrimento humano, os próprios homens (FREUD, 2021b), se intensifica na era do capitalismo de monopólio com o propósito de reduzir cada vez mais a força individual. Triunfa a razão subjetiva, subordinada ao interesse dos mais fortes. Princípios universais como a justiça e a liberdade não servem de critério para pensar o destino da humanidade (HORKHEIMER, 2002). Então, mediante uma realidade de enorme abundância de recursos materiais, disponibilizados pelo avanço técnico científico, a humanidade não foi capaz de se organizar de modo a diminuir a exploração do homem pelo homem. O sofrimento que poderia ser evitado, agora é administrado. E assim, a sociedade se impõe ao indivíduo a partir das feridas que lhe imprime (ADORNO, 2015a, p. 48).

Para Adorno, é fundamental a utilização do conceito freudiano de ferida [*Beschädigung*], que expõe: “O entrelaçamento dialético do esclarecimento e da dominação, a dupla relação do progresso com a crueldade e a liberação [...] a ordem que não pode viver sem a desfiguração do homem” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 140). É exatamente a crítica imanente feita pela psicanálise que permite conduzir da ferida individual para as forças sociais responsáveis pelo sofrimento.

O indivíduo deve se oferecer em sacrifício para que a ordem social seja mantida. Para tanto, o seu corpo é condicionado para a renúncia e para o sofrimento. Nesse sentido, para Adorno e Horkheimer, a indústria cultural é convocada para garantir a integridade do sistema. No ciclo repetitivo que engloba a produção e o consumo, o comportamento é moldado a partir do apelo dirigido por intermédio dos produtos culturais. De modo que não é mais apropriado falar em horas de descanso quando as pessoas se afastam do trabalho. Porque quando se busca o prazer e o relaxamento diante de um bem de consumo como a televisão, o mais provável é que ocorra o oposto. Isto é, que as pessoas sejam mais estimuladas a trabalhar para obter outros bens. E que sejam forçadas a lembrar o seu compromisso com essa sociedade. A esse respeito, destacamos a passagem a seguir, que traz uma reflexão sobre os desenhos animados.

Na medida em que os filmes de animação fazem mais do que habituar os sentidos ao novo ritmo, eles inculcam em todas as cabeças a antiga verdade de que a condição de vida nesta sociedade é o desgaste contínuo, o esmagamento de toda resistência individual. Assim como o Pato Donald nos *cartoons*, assim também os desgraçados na vida real recebem a sua sova para que os espectadores possam se acostumar com a que eles próprios recebem (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 114).

Entre os diversos questionamentos e críticas feitas ao entretenimento oferecido pela televisão, podemos destacar o fato de que esse aparelho transformou o modo com que as pessoas se relacionam entre si e com o mundo. Não podemos desprezar os avanços trazidos por ela no que diz respeito à comunicação e nem mesmo negar o seu uso como um recurso para a aprendizagem. Mas sem dúvida, trata-se de uma invenção que contribuiu para um maior embrutecimento dos seres humanos. Em muitos casos, o aparelho passou a ser o centro das interações sociais. A família se reúne e não transmite mais as narrativas do passado, nem falam dos eventos cotidianos. Suas conversas são pautadas pelos programas e personagens favoritos. Com a influência dos meios de comunicação de massa, é mais provável que as pessoas desejem se parecer com um astro de cinema ou com os ídolos de sua banda favorita. E já não queiram ter trajetórias de vidas que se assemelham com as pessoas que pertencem ao seu convívio. As pessoas se sentem atraídas pelo poder que as celebridades exibem. Seja o poder material ou o fascínio que exercem sobre as outras.

A televisão é apenas um exemplo para pensarmos a influência das mídias e das figuras midiáticas no processo de indiferenciação. Atualmente, essa influência é exercida de maneira cada vez mais decisiva pelos influencers digitais e pela internet. Não é nosso objetivo realizar uma análise específica da internet. Mas em termos de comparação, embora exista diferenças entre as duas mídias, cabe ressaltar um elemento comum entre elas, ou seja, além da influência que as figuras midiáticas exercem sobre as pessoas, podemos observar a atitude passiva que estas últimas assumem diante de seus aparelhos de tv, celulares e computadores. Aspecto que não é desprezível quando consideramos um contexto social mais amplo que dá origem à formação de personalidades com tendências autoritárias. Tal passividade reflete cada um dos traços dessa personalidade – a impotência do indivíduo, a paralisia e incapacidade de reagir (ADORNO, 2022a). A esse respeito, é determinante o papel que a técnica ocupa no processo de formação do indivíduo, uma vez que o televisor não é somente um aparelho que cumpre a tarefa de ocupar o indivíduo em seu tempo livre; concluindo o processo de assimilação irreversível da maioria da população. Mas sublinhamos que, como complemento, a televisão corrompe a formação cultural e o processo de aprendizagem que ocorria a partir dos laços familiares, porque além de transformar a cultura em mercadoria, também ocupa o espaço de interação e transmissão cultural que ocorria dentro da família. Em suma, é por isso que ambientes como a família e a escola são indispensáveis para reverter essa rigidez da personalidade que é marca da racionalidade tecnológica. Consideramos que entre as misérias trazidas pela técnica, a maior delas é o distanciamento entre as pessoas, a ausência de contato e troca com o outro. Troca capaz de permitir o afeto, a identificação, o reconhecimento de nossa humanidade, o aprendizado e o desenvolvimento do indivíduo.

Barbárie e miséria - o enfrentamento pela educação

Podemos contrapor a imagem contida na narrativa de Benjamin em *Experiência e pobreza*, ou seja, um pai transmitindo um ensinamento ao seu filho no leito de morte, com a de uma criança assistindo a um desenho animado no século XX ou se distraíndo com seu tablet no século XXI, enquanto seus pais realizam outras tarefas. Se a família na sociedade burguesa tinha a função de adequação social, mediante a instauração do superego que permitia a formação da consciência moral, tanto na avaliação de Freud quanto na de Adorno e Horkheimer ainda havia lugar para a decisão do indivíduo, no contato e no confronto com a autoridade. Nessa perspectiva, a identificação marcava o processo de adequação, mas não limitava a independência. Na parábola que Benjamin (1987) conta no começo de seu texto, os filhos aprendem a partir da experiência narrada pelo pai. O que contrasta com a frieza das relações e com a incapacidade de realizar experiências, aspectos da cultura de massa.

Ainda que na fase industrial do capitalismo o modo de produção fosse propício para promover principalmente a independência do indivíduo burguês, a família ainda podia representar um espaço de sociabilidade, proteção e desenvolvimento da autonomia, força que permitia ultrapassar as limitações da classe social. Uma vez que o processo de formação e aprendizagem passava pela transmissão e apropriação da cultura entre as gerações, na família havia espaço para a produção espiritual. Entretanto, à medida que a configuração do sistema econômico passou a exigir do indivíduo burguês menos independência, a antiga correlação entre família e indivíduo teve que ser modificada.

Conforme a análise de Adorno e Horkheimer (1973) a família passa por uma reformulação na sociedade burguesa, que acompanha o desenvolvimento do sistema capitalista. Inicialmente a família burguesa ocupava uma posição central para a estrutura produtiva, pois além de amparar o indivíduo, ela o preparava para se submeter às novas autoridades que passavam a exercer o poder que antes era do senhor feudal. Ela foi responsável por fortalecer a ética do trabalho dentro do capitalismo (HORKHEIMER; ADORNO, 1973). E a diminuição de sua importância tem relação com o declínio do indivíduo, uma vez que o ambiente de apoio familiar representava a possibilidade do indivíduo resistir de alguma maneira, mesmo diante da opressão que era transferida a ele no intuito de garantir a sua adaptação social. O que permite extrair a seguinte conclusão: “A crise da família é a crise de desintegração da humanidade” (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p. 141).

Ao mesmo tempo que a opressão exercida pela família foi amenizada, o espaço de proteção, vínculo afetivo, aprendizagem e troca de experiências também se mostrou prejudicado. Quando o equilíbrio de forças que existia dentro da família foi quebrado o indivíduo foi colocado sob uma influência externa mais rigorosa e duradoura. Antes, a figura mais importante da família burguesa era o pai, o responsável pelo sustento e o detentor da autoridade. Como Freud havia formulado em sua teoria, o conflito edípico devia conduzir ao desenvolvimento de um ego autônomo. O pai era ao mesmo tempo a imagem da autoridade que permitia a sucessão de todas as figuras posteriores e o foco da resistência individual. Para Freud e Adorno a identificação é importante para a independência na medida em que o

filho é moldado a partir do modelo paterno, tanto pela sua aceitação quanto pelo confronto. O problema apresentado por Adorno quando pensa na crise da família é que o declínio da autoridade paterna compromete o desenvolvimento e a formação de personalidade fortes.

A esse respeito, no estudo sobre o agitador fascista Adorno (2008) associa o vazio deixado pelo pai ao surgimento do nazismo. Não é que Hitler ocupava a posição de substituto do pai, ao invés disso, o autor afirma que com o propósito de manipulação da massa, o líder alemão optou por representar antes o “filho rebelde, neuroticamente fraco” (ADORNO, 2008, p. 27), cujo efeito esperado era a identificação do indivíduo igualmente debilitado, devido a sua impotência econômica e social. Dessa forma, o fascismo pode ser entendido como um fenômeno político que é decorrente do uso do mecanismo de identificação para fins de dominação, realizado na sociedade capitalista. O fascismo é a última consequência da violência dirigida ao indivíduo, última porque tudo no fascismo clama por destruição.

A identificação é essencial nesse processo, pois a assimilação irreversível que enfraquece o ego depende dela. A esse respeito, Adorno e Horkheimer (1985, p. 167) indicam como a economia pulsional se transformou no capitalismo, a partir do processo de expropriação da psicologia individual:

A decisão que o indivíduo deve tomar em cada situação não precisa mais resultar de uma dolorosa dialética interna da consciência moral, da autoconservação e das pulsões. Para as pessoas na esfera profissional, as decisões são tomadas pela hierarquia que vai das associações até a administração nacional; na esfera privada, pelo esquema da cultura de massa, que desapropria seus consumidores forçados de seus últimos impulsos internos. As associações e as celebridades assumem as funções do ego e do superego, e as massas, despojadas até mesmo da aparência da personalidade, deixam-se modelar muito mais docilmente segundo os modelos e as palavras de ordem dadas, do que os instintos pela censura interna.

A cultura de massa aproxima o ser humano da barbárie porque dispensa a reflexão. De modo que termina por reforçar a atividade inconsciente. Como afirma Rouanet (1989), o fato evidenciado pelos frankfurtianos é que a repressão ocorre muito mais pela liberação do id do que pela sua censura. Nesse sentido, a dialética do Esclarecimento revela o quanto é incompatível que a humanidade tenha avançado tanto em termos da sua produção científica, enquanto, em contrapartida, ocorra o predomínio do inconsciente sobre a consciência. Além disso, a questão que sinaliza a desproporção entre desenvolvimento técnico e humano é a persistência de duas formas de pobreza, a material e a espiritual.

Nessa perspectiva, quando Adorno opõe Educação e barbárie seu objeto é o indivíduo desfigurado pela violência social, com uma tendência para a submissão cega diante da autoridade. Um estado que é um derivado do medo mediado, despertado pela pressão social, uma espécie de segunda natureza (ADORNO, 2015b). E também pela ausência de reflexão que é marca dessa sociedade que condiciona as pessoas ao pensamento unidimensional. De modo que a relação com o poder e com a autoridade se reveste de impulsos sádicos e masoquistas. Ou, conforme a expressão popular alemã

“*Radfabrernatur*”, utilizada por Horkheimer e Adorno (1973), que em sua tradução literal significa “natureza ciclista”, que faz referência a alguém que força os seus pés sobre os que estão por baixo e se curva para os que estão em cima. A questão é que devido ao embotamento da consciência, diante da primazia do inconsciente e da agressividade, os que sofrem a opressão redirecionam o seu ódio contra aqueles que são vítimas da mesma opressão. Nesse sentido, o objeto do ódio são aqueles grupos que representam a diferença (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Limitado pela realidade da dominação e submerso na paranoia coletiva do movimento fascista, o indivíduo é incapaz de compreender as origens de sua impotência. Sendo assim, a única “revolução” que é capaz de realizar se dirige “contra os que contestam, real ou imaginariamente” esse poder, como afirma Rouanet (1989).

Nas discussões que Adorno realizou a respeito da educação, sua reflexão aponta para esse constante estado de medo e violência presente no capitalismo, que mobiliza a massa para a barbárie. Na palestra *Educação após Auschwitz* (1965/2022) ele adverte que o propósito da educação não é evitar a barbárie, porque ela já aconteceu. A exigência para a educação é evitar que um horror como o de Auschwitz se repita (ADORNO, 2022b), visto que as condições de opressão social que o produziram ainda persistem. É de modo mais drástico no capitalismo tardio. Diante disso, cumpre à educação a tarefa inicial de compreender as forças sociais que dão origem à personalidade com tendências autoritárias. É necessário uma crítica da cultura que permita enxergar as contradições sociais. De modo que as pessoas tenham consciência do verdadeiro inimigo ao qual devem se opor. Ao invés de “golpear para os lados” sem refletir a respeito de si próprias (ADORNO, 2022b). Pois, de fato, assim como ocorreu na Alemanha nazista e que é característico ao fascismo, as pessoas ainda são mobilizadas a eleger o falso inimigo. Nesses termos, Adorno e Horkheimer (1985, p. 139) descrevem a utilização dos judeus como bode expiatório, na medida em que foram “estigmatizados pelo mal absoluto como o mal absoluto”.

Com efeito, insistimos na necessidade de reforçar as formas de coletividade que nos conecta com nossa humanidade. Como salientamos anteriormente, na atualidade a relação do homem com a técnica e o poder que ela exerce sobre o indivíduo ganhou novas dimensões devido a popularidade do computador, dos aparelhos de celular e da conexão com a internet. Ainda que nosso intuito não seja aprofundar essa questão, é inevitável associar o uso da internet com a indiferenciação e o isolamento das pessoas. Isso pode ser explicado a partir da contradição existente em tal uso, porque mesmo diante do acesso facilitado para obter informação, persiste a ausência de reflexão, favorecida pelo clima cultural de uma sociedade totalitária. O indivíduo não analisa as informações de modo preciso, porque tem limitações para mobilizar o seu conhecimento, visto que o seu modo de perceber o mundo já está padronizado. Ademais, a alienação proporcionada pela internet, por meio de suas plataformas digitais, é capaz de alcançar um nível superior àquele produzido com o surgimento da televisão. Pois a conectividade com a rede é difusa, garantindo que as pessoas estejam mais tempo expostas aos seus efeitos. O tempo que alguém pode se

distrair ou se entreter diante do computador e do celular é ilimitado, o que não ocorria em relação ao entretenimento oferecido pela televisão. Com efeito, é possível afirmar que essa característica das mídias digitais demonstra um aperfeiçoamento nas formas de assimilação - e remodelagem - do indivíduo dentro da cultura que confere a tudo um ar de semelhança (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Retomamos essa discussão com o propósito de refletir sobre a inaptidão para a experiência, como resultado da substituição ou diminuição dos laços sociais e afetivos entre as pessoas. O isolamento delas confirma a constatação de Benjamin (1987) de que a técnica trouxe mais miséria para a vida humana. Em todo caso, a técnica é um instrumento que além de servir para administrar o medo e a violência, ainda reforça a frieza das pessoas. De modo que se torna um elemento decisivo para que elas golpeiem umas às outras e se afastem ainda mais da consciência das contradições sociais. Nesse ponto, o homem perde a dimensão de sua humanidade e não se reconhece nos outros. Na dinâmica da sociedade de troca, sua interação é motivada pela vantagem material. Menospreza o ser humano e enaltece a tecnologia que alcança tudo.

Uma outra face desse distanciamento e frieza é a adesão desesperada dos indivíduos a grupos que se formam com base no medo paranoico e no desamparo que sentem diante daquilo que não compreendem, ou seja, as verdadeiras forças sociais que os oprimem. Diante disso, convencidos de sua impotência, eles buscam refúgio dentro do poder de uma coletividade governada pelo ódio. O que nos leva a pensar no fortalecimento da extrema direita em diversos países do mundo nas últimas décadas. Como uma inconveniente constatação de que as tendências que Adorno apontava no século XX ainda podem ser observadas no nosso século. É esse sentimento de impotência que empurra o indivíduo para a “massa solitária”, que em suas palavras “constitui uma reação, um enturmar-se de pessoas frias que não suportam a própria frieza mas nada podem fazer para alterá-la” (ADORNO, 2022b, p. 145).

Para o autor, foi essa frieza, derivada da incapacidade de identificação, que causou Auschwitz. Pensando nisso, consideramos a atualidade de seu pensamento e optamos por finalizar com algumas considerações suas a respeito da educação. Na concepção de Adorno (2022b), a educação tem que se comprometer com a formação de personalidades fortes, que ao invés de submissão cega à autoridade sejam capazes de alcançar a autodeterminação kantiana. Diante desse pressuposto, ele coloca duas questões: a primeira delas tem como foco a Educação Infantil, porque é o período de formação da personalidade, com vistas a combater a formação da personalidade autoritária. A segunda questão diz respeito à educação em geral, nesse ponto ele destaca a necessidade de promover o esclarecimento do indivíduo, a fim de que ele pudesse refletir sobre si mesmo e sobre as formas sociais de dominação responsáveis pela promoção da barbárie.

No sentido mais amplo de uma educação para a resistência e para a contestação, como “autorreflexão crítica” (ADORNO, 2022b), gostaríamos de fazer alguns apontamentos, à luz do pensamento de Adorno e com base em nossa experiência docente na Educação Básica.

- O cerne da reflexão que a escola deve fazer é sobre o seu papel na sociedade. Quando as propostas pedagógicas contemplam uma educação para a autonomia, cada profissional deve repensar essa noção. De modo a questionar se tal ideia de autonomia não está condicionada ao modo de produção. Visto que muitas vezes quando se fala da independência dos estudantes, isso implica apenas numa dissimulação do ajustamento social, sem que a educação promova a crítica e a reflexão realmente.

- Não é demais insistir no seguinte ponto: É preciso repensar as formas de autoridade no ambiente escolar. Como salienta Adorno (2022b) o modelo de educação baseado no rigor da autoridade e que molda indivíduos que não devem demonstrar fraqueza, ensinados a suportar o sofrimento, reforça o impulso sádico. De acordo com o autor: “Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir” (ADORNO, 2022b, p. 139).

- A condição de indiferenciação causada pela cultura de massas precisa ser combatida com a discussão de temáticas sobre a diversidade. É preciso que os alunos sejam ensinados a conviver com a diferença e a respeitá-la. Nesse sentido, promover debates também auxilia, pois além de oferecer um momento para a reflexão crítica e a construção de argumentos, contribui para aumentar a compreensão sobre a importância da divergência de ideias para construir espaços democráticos.

- Diante de todas as consequências que a transformação da cultura em mercadoria traz para a formação e para o desenvolvimento da personalidade, é fundamental que a escola dialogue sobre o consumo. Abordar a questão do consumo consciente, que implica em apontar para a persistente e desumana exploração da força de trabalho utilizada em determinadas cadeias de produção. Ademais, as crianças e os adolescentes precisam pensar sobre o impacto do consumo para as demais formas de vida existentes no planeta. Outra questão a ser tratada é a da propaganda e de suas técnicas, principalmente suas novas formas associadas às redes sociais.

Considerações finais

Cada um desses aspectos que apresentamos foram pensados dentro deste contexto econômico e social tão desfavorável para a realização de princípios fundamentais para o desenvolvimento da humanidade, como a igualdade, a justiça e a liberdade. Soterrados pela razão instrumental, é preciso contrapor irracionalidade, medo e violência com desenvolvimento humano, gerado pela interação entre as pessoas e pela troca de experiências. Eventos recentes de assassinatos ocorridos dentro de escolas

brasileiras confirmam a urgência de pensar em projetos para a educação contra a barbárie. Visto que os jovens estão cada vez mais expostos a um nível exagerado de violência e assolados por um sentimento de impotência. Muitos deles isolados numa massa solitária como a das redes sociais.

É notável que a infância e a adolescência estão comprometidas diante do poder e da influência desse recente meio de comunicação ofertado pela rede mundial de computadores. As crianças e os adolescentes precisam de apoio, pois muitos deles sofrem com ansiedade e depressão. Nesse ponto, temos de enfrentar mais uma contradição do processo civilizatório. Como poderíamos imaginar que em todo o mundo seria um direito básico da criança o acesso à escola, que é uma obrigação afastá-las do mercado de trabalho, e mesmo assim o preço da civilização ainda recairia sobre elas na forma de sofrimento psicológico? A escola é um local de formação e de acolhimento para os estudantes. É importante que a opinião pública e as autoridades se ocupem da escola em todos os momentos. Que os pais se interessem por seus filhos, que a família promova segurança, proteção e afetividade, que os professores sejam um modelo de autoridade e gentileza. É necessário refazer as redes naturais de comunicação entre as pessoas, os laços de comunidade, e abrir espaço para os ensinamentos transmitidos através das gerações. De tal forma que o mecanismo de identificação auxilie no processo de desenvolvimento da autonomia individual. Na expectativa de que o poder da técnica, que se impõe de maneira tão decisiva sobre as pessoas, não se sobreponha à humanidade, nem deixe imperar a irracionalidade, o horror e a barbárie, cujas raízes são a indiferenciação, o isolamento, o descontentamento e a falta de reflexão do indivíduo - aspectos associados à personalidade com tendências autoritárias.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. La técnica psicológica de las alocuciones radiofónicas de Martin Luther Thomas. In: ADORNO, Theodor W. **Escritos sociológicos II**. Vol. 1. Madri: Ediciones Akal, 2008.

ADORNO, Theodor W. A psicanálise revisada. In: ADORNO, Theodor W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaïne Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015a.

ADORNO, Theodor W. Sobre a relação entre sociologia e psicologia. In: ADORNO, Theodor W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaïne Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015b.

ADORNO, Theodor W. ADORNO. O que significa elaborar o passado. In: Theodor W. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022a.

ADORNO, Theodor W. ADORNO. Educação após Auschwitz. In: Theodor W. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022b.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu. In: **Cultura, sociedade, religião**: O mal-estar na cultura e outros escritos. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. In: **Cultura, sociedade, religião**: O mal-estar na cultura e outros escritos. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021b.

HORKHEIMER, Max. Meios e fins. In: HORKHEIMER, MAX. **Eclipse da razão**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora Centauro, 2002.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

ROUANET, Sergio Paulo. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

*Recebido em: 05 de julho de 2023.
Aprovado em: 04 de novembro de 2023.*